Jornalismo de Peito Aberto: o *Podcast* Mamilos e a Empatia na Era da Convergência[1]

Laís Cerqueira FERNANDES[2]
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

Resumo

Os *podcasts*, nascidos na era da convergência tecnológica, angariam cada vez mais ouvintes no Brasil. Este artigo discute como o conteúdo digital dessa recente plataforma renova e traz novos significados à narrativa jornalística, especialmente através do viés da empatia ao narrar notícias e acontecimentos. São apresentadas evidências sobre como isto é trabalhado no objeto empírico deste artigo, o *podcast* Mamilos. Com o slogan "jornalismo de peito aberto" e imerso em um ambiente transmídia on-line, é analisado como o programa estabelece novos laços com seus ouvintes e cria novas estratégias narrativas.

Palavras-chave: *podcast*; Mamilos; convergência digital; narrativa; transmídia.

1 Introdução

Não existem narrativas ingênuas. Estamos todos, na condição de seres humanos, criando, tecendo e desconstruindo narrativas – constituindo, através delas, nossa percepção de mundo, conceitos que partilhamos em sociedade, noções morais, significados sociais e culturais, enfim: é narrando que construímos nossa realidade. Justamente por ser permeada pelo discurso humano (seja falado ou não), as narrativas não são isoladas de contexto ou desprovidas de intenção, ainda que estas sejam mínimas.

Com o jornalismo, não é diferente. Ainda que vestido com uma roupagem objetiva, a narrativa jornalística não foge ao fato de que é escrito por uma pessoa – e, logo, já ocupa um lugar em uma determinada conjuntura social e histórica, por exemplo. Há o esforço do narrador para apagar suas marcas do texto e abrir mão do máximo que pode de sua voz no mesmo, mas existem as nuances que vão além da própria intenção do jornalista. E, até mesmo dentro do próprio âmbito jornalístico, existem os campos dedicados às grandes reportagens, dotadas de mais subjetividade, e o gênero de

[1] Trabalho apresentado no GP Conteúdos Digitais e Convergência Tecnológicas do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: laiscerqueiraf@gmail.com.

jornalismo literário, que capricha na estrutura narrativa e foca em nuances do conteúdo para, principalmente, envolver ainda mais o público em sua leitura.

O jornalismo, porém, vem encarando, especialmente na última década, outro fator que não lhe é estranho: a chegada e consolidação de novas tecnologias que, com elas, trazem novas maneiras de se fazer notícias, reportagens e apurações. Há quem argumente que a internet (a responsável pela revolução mais recente no uso, produção e compartilhamento de informações) está tornando a comunicação mais distante e, no caso do jornalista, até mesmo tornando mais "fria" a abordagem de suas fontes e acesso aos fatos. Os pesquisadores da *Columbia Journalism Review*, Sillesen, Ip e Uberti (2017), refletem ainda mais em sua indagação, por exemplo: é possível que a transposição do jornalismo impresso para o digital comprometa a capacidade de nós, leitores, nos identificarmos com os personagens de uma reportagem? De torná-los mais palpáveis? De sentir empatia por eles?

Já é fato de que táticas narrativas do jornalismo literário são mais efetivas em conquistar leitores, como os mesmos pesquisadores relembram ao citar um estudo que escancara a chamada Teoria do Transporte Narrativo[3]. Realizada por membros da Universidade Estadual da Pensilvânia, nos Estados Unidos, a análise reuniu amostras de 399 pessoas que leram duas vezes uma mesma reportagem: uma escrita com recursos narrativos mais subjetivos, com mais "emocionalidades"; e outra mais característica ao jornalismo clássico, se retendo às informações essenciais de forma direta. A notícia era o acidente de trabalho que culminou na amputação de dois dedos de um funcionário. A primeira reportagem, a subjetiva, contava a história do trabalhador: Alejandro Martinez é marido e pai de dois filhos, um imigrante cujo *status* de ilegalidade impediu que buscasse o tratamento adequado que, caso estivesse disponível, teria impedido a perda de seus dedos. O texto te leva a um passeio para a rotina de Martinez, antes e depois do acidente, além de apresentar seus dois filhos e mostrar falas dele e de sua esposa. A segunda reportagem, a objetiva, apenas cita seu cargo e nome, se poupa de narrar em detalhes a cena do acidente e se atém a responder, primordialmente, as perguntas de "quê?", "quando?", "onde?", "como?" e "por quê?".

O resultado foi o esperado: os leitores demonstraram maior compaixão e compreensão com a história de Martinez após ler a reportagem dotada de recursos como

[3] Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,jornalismo-e-emocoes,1705521>. Acesso em: 03 jul. 2017.

a descrição do acidente, do drama pessoal da vítima e dos sentimentos de sua família. É essa empatia gerada no público que caracteriza a Teoria do Transporte Narrativo – usada para explicar o efeito que textos narrativos possuem de nos "transportar" para o lugar do outro, fazendo-nos sentir, até um determinado grau, parte do que o protagonista passa. A teoria surtiria o mesmo efeito no mundo virtual? Nossa identificação com outras pessoas através da narrativa estaria ameaçada pelo fato de, agora, ser transmitida on-line, só acessada caso o leitor queira, através de uma tela?

2 Era da convergência

Para a análise da empatia neste momento em que estamos imersos em uma comunicação feita através do meio digital, é necessário embarcamos em mais uma teoria: a da cultura de convergência. Ela é definida por seu criador, o teórico em Comunicação, Henry Jenkins (2013), como fruto de uma era em que as chamadas "velhas mídias" – rádio, jornal impresso e TV – não estão se extinguindo, mas sim se convergindo em uma nova plataforma: a internet. Neste cenário, as novas e velhas mídias colidem e o consumidor tem mais poder sobre os produtos (afinal de contas, no âmbito on-line, ele é o responsável por procurar e escolher o conteúdo que quer consumir).

Sendo assim, o desenvolvimento e a modernização dos meios de comunicação, unidos à sua convergência para a internet, possibilitaram não apenas uma adaptação às novas mídias, como também representaram várias oportunidades para inovações na forma de se comunicar e estabelecer laços com o público, devido ao leque de opções que um ambiente transmídia oferece. Este processo é bem definido como fruto da convergência midíatica, como podemos observar através da descrição de Jenkins (2013) sobre a mesma:

> Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2013, p.29).

A interação coletiva entre os produtores de conteúdo e seus consumidores, para o autor, pode ser vista como uma nova fonte de poder midiático em um âmbito no qual novas e as antigas mídias se chocam, se agregam e se retroalimentam. Não só o público migra para um ambiente que oferece várias formas de consumo de histórias e

informações, como ele mesmo tem a autonomia de procurar e optar pela forma de comunicação que mais o apetece, seja ela conhecida ou não, *mainstream* ou não, a mais utilizada ou não – as plataformas on-line são ilimitadas e disponibilizam diversas maneiras para as pessoas acessem sua mídia de preferência, de onde quiserem e da forma que preferirem. A partir disto, a dialética entre o público e o produto se transforma, abarcando novos tipos de demandas e relações, sejam estas estabelecidas por afinidade, fidelidade, novidade ou, até mesmo, simpatia.

O papel mais presente e eloquente do consumidor também gera mudanças no relacionamento entre as próprias plataformas e tecnologias – não apenas as pessoas obtêm um cardápio de opções; as mídias também se redescobrem com novas possibilidades de inovação na relação entre elas mesmas. Estes fenômenos são apontados como fruto de uma transmutação tecnológica:

> A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. [...] A convergência refere-se a um processo, e não a um ponto final (JENKINS, 2013, p.43).

Como ressaltado anteriormente neste artigo, não é estranho ao jornalismo, ou ao seu processo criativo, conviver ou ser afetado pelo surgimento de modelos diferenciados para a elaboração, composição e apresentação de seus conteúdos. A tecnologia sempre foi um agente importante para desencadear essas mudanças, levando ao aprimoramento de técnicas jornalísticas, dos produtos disponibilizados para a apuração e da forma como as informações chegam à jornalista. Como aponta Barbosa (2013, p.38), com o surgimento da internet, por exemplo, foi possível trespassar as barreiras da distância física "para que a velocidade de circulação das notícias pudesse superar barreiras geográficas e temporais e chegar até o público, satisfazendo as necessidades de informação da sociedade". Neste novo meio on-line, segundo Salaverría, García Avilés e Masip (2010), é possível para o jornalista produzir um conteúdo que poderá ser vinculado em múltiplas plataformas, sendo adaptável às linguagens próprias de cada uma delas.

Assim surgem novas terminologias do jornalismo, o chamado jornalismo on-line, também conhecido como webjornalismo e ciberjornalismo (BARBOSA, 2013). Já não existem mais delimitações de tempo ou de espaço para a circulação de informações,

abrindo espaços para o surgimento ou a renovação de conceitos como hipertextualidade, multimidialidade, interatividade e memória.

> Em quase 20 anos, os estudos de investigadores de várias partes do mundo têm colaborado para a compreensão da então chamada nova modalidade, com a formulação de conceitos, categorias, definições operacionais, identificação de propriedades, padrões de referência, avaliação dos impactos trazidos para os processos, para as rotinas profissionais e para os modelos de negócios das empresas informativas, bem como equacionando os desafios colocados para entendê-la à luz das teorias do jornalismo (BARBOSA, 2013, p.39).

Observamos que o jornalismo on-line é um campo em constante estudo, sendo ainda passível de novas explorações teóricas e práticas. Logo, as potencialidades do conteúdo nele vinculado estão abertas à análise, como é o caso da hipótese deste artigo: a de que as narrativas – inclusive as jornalísticas – presentes em *podcasts*, estabelecem novos artifícios para atrair e cativar seu público; e que, mesmo que soe contraditório, uma vez que estão inseridas em um meio digital, elas são um novo instrumento para uma comunicação mais humanizada e empática.

3 Metade novo, metade antigo: o surgimento do *podcast*

Nascem, então, "herdeiros" das mídias já existentes; entre eles, o *podcast*. Programas de áudio feito sob demanda e disponibilizados gratuitamente para download ou *streaming* on-line, o *podcast* se destoa do formato observado no rádio por ser produzido sob demanda, não ser veiculado em tempo real e não estar "engessado" em uma grade horária ou a um horário de transmissão – se caracterizando, então, como um produto acessível a qualquer consumidor que tenha acesso à internet.

O nome *podcast* foi cunhado por Adam Curry, responsável por elaborar um método de transmissão de áudio para o reprodutor de mídia desenvolvido pela empresa *Apple*, o *iTunes*. O primeiro a citar a palavra fora de um contexto técnico, no entanto, foi justamente um jornalista: Bem Hammersley, do jornal *The Guardian*. A etimologia do termo vem da junção do prefixo "*pod*", referente ao nome de um aparelho de mídias digitais, o *iPod*, também produzido pela *Apple*; e o sufixo "*cast*", oriundo da palavra broadcast, em uma tradução livre, significa "transmissão", sendo associada à difusão aberta e em grande escala de informações.

Embora existam diferenças primordiais entre os dois formatos, principalmente devido ao fato do *podcast* ter nascido no âmbito da cibercultura, ainda observamos, em

sua narrativa, a presença da linguagem radiofônica, como aponta Carvalho (2014) – como uso de trilha musical, efeitos sonoros semelhantes aos de radionovelas, e até mesmo o próprio silêncio, para elencar alguns dos exemplos. Seu conteúdo, porém, como já começamos a ressaltar, se destoa do rádio por ser feito sob demanda, forte característica presente nos materiais produzidos no meio digital. No que se remete às características técnicas relativas ao *podcast*, a principal é o formato pelo qual ele é distribuído, chamado de *podcasting*, um processo midiático que surge diretamente da publicação e transmissão on-line de arquivos de áudio na internet.

Cada vez mais presentes (atualmente, são mais de 1.400 programas brasileiros[4] - aliás, o próprio crescimento dessa mídia já atesta que seus consumidores estão se multiplicando e se engajando), os *podcasts* dão força à democratização da informação, conceito fortalecido no âmbito da internet, e encadeiam novas formas de táticas narrativas para atrair ouvintes e resgatar métodos já conhecidas pelo público. Desta forma, podemos observar o potencial de novos fenômenos narrativos estratégicos suscitados dessas combinações. Carvalho (2014) observa o *podcast* como um fenômeno de comunicação que, de acordo com a autora, indica cada vez mais a consolidação do formato como uma alternativa de suporte midiático e, ainda, o crescente amadurecimento dos profissionais atuantes no ramo de *podcast* – os chamados "*podcasters*" – que, não raro, acumulam as funções de produtor, editor e apresentador dos programas. Abordando temas variados e altamente abrangentes, passando desde humor, cinema, jogos, literatura e até assuntos científicos, políticos, educacionais e jornalísticos, os *podcasters* fazem uso de vários elementos que induzem estímulos sensoriais auditivos e até mesmo fatores que estimulam o imaginário e a capacidade de identificação e compaixão do ouvinte. A forma como as narrativas do *podcast* realizam este último ponto é o foco de análise deste trabalho.

4 O *podcast* Mamilos: "jornalismo de peito aberto"

Com pouco mais de uma década desde o primeiro programa brasileiro – segundo Silva (2008, apud ASSIS; LUIZ, 2010), o pioneiro foi o *Digital Minds*, realizado por Danilo Medeiros em 2004 – o enfoque e o surgimento de um número razoável de *podcasts* no país aconteceu em 2009, após o fenômeno denominado como *podfade* (ASSIS; LUIZ, 2010), quando vários *podcasts*, tanto brasileiros quanto internacionais, foram finalizadas

[4] NOTÍCIAS, Divulgador de. **O Áudio na Internet**: Brasil tem mais de 1.400 podcasts ativos no país. 2016. Disponível em: <http://www.dino.com.br/releases/o-audio-na-internet-brasil-tem-mais-de-1400-podcasts-ativos-no-pais-dino890117066131>. Acesso em: 17 abr. 2017.

ou cancelados por variadas razões. No Brasil, existe uma notável ausência da influência ou produção de *podcast* por parte de grandes empresas; a maior parte dos programas surgem de iniciativas pessoais e, muitas vezes, abarcando temas não muito abordados em mídias tradicionais, o que promoveu uma rede de suporte para a aproximação e consumo de um modo alternativo de fazer comunicação, antes restritos a setores outrora marginalizados.

Entre os *podcasts* brasileiros, elencamos um para ilustrar o estudo deste artigo: o programa Mamilos[5] é um exemplo de uma plataforma que se propõe a exercer a empatia – e, ainda mais, multiplicá-la – em um meio digital. Com o *slogan* "Jornalismo de peito aberto", o *podcast* se propõe a tratar de notícias e temas polêmicos com maior profundidade, ouvindo especialistas e personagens dotados do maior número de visões possíveis. "Bem vindos ao Mamilos, aquele lugar gostoso de encontro para debater temas polêmicos com empatia e respeito. Respira fundo, deixa a poeira da intolerância na porta e abre o coração e a mente pra explorar com curiosidade diferentes visões e argumentos": é desta forma que as apresentadoras, as jornalistas Cris Bartis e Juliana Wallauer, já abriram o programa diversas vezes. Também criadoras e idealizadoras do Mamilos, ambas protagonizam a narrativa voltada para uma discussão mais aprofundada, empática e bem-humorada de temas cotidianos – desde acontecimentos políticos até questões de interesse público (como zika, ocupação de escolas e sistema prisional brasileiro, por exemplo) e inerentes à vivência humana (divórcio, filhos, depressão, adoção, etc) – que, até então, são abordados pela mídia de massa ou pelas próprias redes sociais de uma forma rasa ou superficial.

O Mamilos foi nomeado desta forma como referência a um vídeo que viralizou na internet em 2011, no qual um adolescente afirma, de forma jocosa, que "mamilos são polêmicos"[6]. O próprio *slogan* do programa brinca com o nome do *podcast* e remete a um jornalismo franco, acessível e acolhedor para ouvir todos os lados possíveis de um fato. Segundo Nóbrega et al. (2015), que analisou o Mamilos e a forma como o mesmo exerce o jornalismo, a metodologia para escolher as pautas do programa se estabelece em um tripé: "os temas que mais repercutem nas redes sociais, assuntos sugeridos pelos ouvintes e conteúdos que as apresentadoras se interessam em abordar", sendo este último associado ou não aos primeiros fatores. Os mesmos pesquisadores atestaram que o

[5] Disponível em: <http://www.b9.com.br/podcasts/"Mamilos"/>. Acesso em: 08 jul. 2017.

[6] Disponível em: <https://youtu.be/PORknrd-cv8>. Acesso em: 08 jul. 2017.

podcast é uma plataforma jornalística válida, uma vez que obedece os princípios inerentes ao jornalismo, em concordância com os expressos no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, de transmissão adequada de informações, possibilitando a construção saudável de conhecimento. Ainda destacam: Mamilos "se posiciona a favor dos direitos expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o que é *sine qua non* para a execução do jornalismo". As próprias responsáveis pelo Mamilos já abordaram, em entrevista para a jornalista Juliana de Brito[7], qual o tipo de viés jornalístico que produzem no programa, e como o mesmo se diferencia das demais produções que, atualmente, são fartas nos meios de comunicação:

> Uma democracia será tão boa quanto o jornalismo que tivermos. Que escolha podemos fazer se as informações que chegam até a gente são distorcidas, deturpadas, manipuladas? Somos inundados de informação descartável, incompleta, irrelevante todos os dias. Como filtrar e saber o que é essencial? Como entender o que realmente está acontecendo? Ninguém tem tempo de pesquisar profundamente cada assunto. Esse é o trabalho fundamental do jornalismo, que está péssimo. Ninguém confia no que lê, e assim as pessoas selecionam as matérias pelo alinhamento com o que elas já acreditam, criando uma bolha de distorção. É fundamental que a gente resgate os marcadores de uma boa matéria. Contextualizou os fatos? Mostrou pontos conflitantes com o mesmo respeito e cuidado? Foi além da superfície, além do óbvio, do fácil? Se ficarmos mais críticos com o que consumimos quem produz vai precisar melhorar a qualidade (BARTIS; WALLAUER, 2015).

Voltamos, então, à empatia: a que o Mamilos diz reproduzir é, de fato, efetiva? Sabemos que é apontado como premissa do programa trazer informação com inteligência, humor, respeito e empatia[8] a cada semana. Quais seriam os sinais de que as narradoras e seus ouvintes estabelecem conexões entre si e as histórias contadas no programa? Para esta análise, remontamos à ideia que originou o Mamilos, que "nasceu" durante o centésimo vigésimo nono episódio do *podcast* Braincast, que abordou o Teste de Bechdel[9] – método que avalia se um filme tem uma boa representação de suas personagens femininas. Para "passar" no teste, é necessário que o longa cumpra três regras: que sua história tenha duas personagens com nomes; que, em ao menos uma cena, duas ou mais personagens femininas dialoguem entre si; e que este diálogo não seja sobre um

[7] Disponível em: <http://tutano.trampos.co/7484-entrevista-cris-bartis-juliana-wallauer/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

[8] Descrição disponível em: <https://www.linkedin.com/in/crisbartis/>. Acesso em: 06 jul. 2017.

[9] Disponível em: <http://www.b9.com.br/52144/podcasts/braincast/braincast-129-teste-de-bechdel-e-o-papel-feminino-na-ficcao/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

personagem masculino. Este pontapé inicial já demonstra indícios marcantes dos temas do futuro Mamilos; discutir o Teste de Bechdel já demonstrava a preocupação em ponderar sobre a recepção do público a produtos (no caso, os filmes) de massa e como os próprios consumidores estão construindo caminhos de reflexão e influência na própria cadeia de produção destes meios. Por optar por abordar temas polêmicos, as criadoras já foram questionadas, na mesma entrevista para Juliana de Brito, sobre até que ponto seria interessante usar de "tretas" (nome coloquialmente usado como sinônimo de briga, polêmica) para discutir assuntos de uma forma ponderada:

> A treta polariza. Ridiculariza e não faz ninguém mudar de ideia. É um turbilhão, uma fogueira de vaidades que consome a todos. Não é com treta que os debates vão melhorar, mas com calma, com clareza, criando um ambiente seguro para que as pessoas baixem a guarda e venham de coração e mente aberta pra tentar juntos fazer algum sentido da realidade caótica que dividimos, cada um contribuindo com uma peça do quebra cabeças. (BARTIS; WALLAUER, 2015).

A fala das jornalistas denota a preocupação na construção de um ambiente em conjunto com os ouvintes e seus convidados para o programa, além da tentativa de prover um debate saudável e onde é possível "baixar a guarda": se sentir à vontade e, ao mesmo tempo, vulnerável. Os caminhos para a empatia embutida nas pautas do programa já estão claros; atualmente em seu centésimo décimo quarto episódio, o Mamilos explicitou em sua trajetória os momentos de interação direta e afetiva com ouvintes (constituindo, assim, um senso de comunidade e de pertencimento), além de trazer para o *podcast* relatos humanizados, de fontes especializadas ou não, a respeito do tema tratado em cada programa.

O lugar cativo dos ouvintes é reservado até mesmo na estrutura física do programa que, no início de cada episódio, apresenta o quadro "Fala que eu te escuto", em que são lidos comentários e e-mails dos ouvintes, em sua maioria sobre o tema do episódio anterior, narrando suas reações e as colocações que têm para acrescentar sobre o assunto – contribuindo, assim, de forma efetiva para a pauta. Um exemplo é observado no quadragésimo primeiro programa[10], quando as apresentadoras estão lendo críticas e observações a respeito do episódio anterior do *podcast*, cujo tema foi a ação dos "justiceiros" (pessoas que, imbuídas de um senso moral pessoal, sem relação alguma com

[10] Programa disponível em: <http://bit.ly/1ZIRIeQ>. Transcrição completa do mesmo disponível em: <http://bit.ly/2uZ7iI5>. Acesso em: 08 jul. 2017.

a lei, se encarregam de punir e até mesmo torturar suspeitos de crimes). Por oito minutos, as jornalistas se dedicam à leitura integral do comentário de uma ouvinte que se declarou insatisfeita com a pouca representação de cariocas (uma vez que o Rio de Janeiro foi o palco principal da discussão anterior) e procurou oferecer uma crítica expondo uma visão menos maniqueísta, deixando de lado a noção que o programa poderia ter deixado em alguns ouvintes de que apenas existissem dois lados na história, completamente opostos e que não interagem. "Patrícia, muito obrigada por contribuir com a discussão e trazer um conhecimento muito válido", Bartis (2015) se manifesta, se referindo diretamente à ouvinte responsável pelo comentário. Nota-se, então, uma preocupação em dar, literalmente, voz a demais pontos de vistas; abrir espaços para discussões dotadas de vivências pessoais e, ainda, de crítica dos próprios consumidores ao conteúdo do programa. As apresentadoras, mais uma vez, realizam o exercício de se colocar no lugar do outro e oferecer a quem ouve mais uma opção de fonte e de narrativa, além de valorizar a contribuição dos consumidores do *podcast*.

> Respondemos e-mail, comentário na página e nas redes sociais. O nível do debate é absolutamente impressionante. A entrega que temos no preparo do programa é muito recompensada pelo esforço que todos fazem em escutar, absorver, refletir e só então contribuir para o debate trazendo novos pontos, novos argumentos. A grande conquista do Mamilos é conseguir inspirar um debate de alto nível, sem ataques pessoais, no qual as pessoas estão dispostas a ouvir opiniões muito diferentes das delas (BARTIS; WALLAUER, 2015).

A relação de empatia – até carinhosa – entre ouvintes e a equipe do Mamilos é, mais uma vez, selada em comentários de membros do *podcast*. Ao contar o feedback do programa sobre a reforma trabalhista, durante a edição 108, uma das apresentadoras ressalta que não foi feito nenhum comentário de cunho ofensivo, prática comum no anonimato da internet. Ainda são divididos com o público a angústia da apuração da pauta, comunicando ao ouvinte o medo e apreensão de colocar a pauta no ar. "Mas todos fizeram o exercício 'mamileiro' de escutar, entender, de acolher o que fazia sentido, de pontuar o que não fazia sentido", informou a apresentadora Juliana Wallauer (2017). É exposto, mais uma vez, a relação próxima, de cumplicidade, da equipe com seus ouvintes; até mesmo o ato de ser compreensivo e empático é classificado como "mamileiro", mesma alcunha destinada aos fãs do programa.

O cuidado por apresentar diferentes lados de um mesmo assunto não é expresso somente através dos ouvintes, mas sim na própria apuração da pauta dos programas e,

principalmente, através da escolha das fontes para debater o tema principal. Um bom exemplo é o episódio 111[11], intitulado "Internações involuntárias: problema ou solução?", que inicia sua narração com gancho com uma das notícias que circularam durante a semana da gravação do programa: a decisão da Justiça do Estado de São Paulo autorizando a abordagem e encaminhamento compulsório – ou seja, caso necessário, a atitude poderia ser realizada de forma forçosa, sem autorização de todas as partes envolvidas – de usuários de drogas em situação de rua na capital paulista. Para debater se seria uma medida efetiva, moralmente embasada e justa, foram chamados para compor a mesa e dar depoimentos os seguintes contribuidores: um psiquiatra e ouvinte do programa; um psiquiatra com pós-doutorado em neurociências na Universidade Brown sobre estresse e doença mental, coordenador e fundador do Programa de Atendimento e Pesquisa em Violência (Prove); um policial; um ex-responsável pela Secretaria de Combate às Drogas; um neurocientista; uma pessoa portadora de transtorno bipolar, que passou pela experiência de ser internada involuntariamente pelo pai; uma pessoa que foi internada dez vezes devido ao abuso de drogas; e uma filha que tomou a decisão de internar a mãe. A produção do programa transparece, então, a precaução e a importância com que trata a construção de uma pauta completa, equitativa e recheada dos mais diversos tipos de depoimentos e testemunhos, especialmente para que o público tenha acesso desde a experiência profissional dos convidados, até suas histórias do âmbito pessoal. Mais uma faceta de como o ouvinte é levado a exercer sua empatia: uma tentativa de racionalizar o sentimento de outro indivíduo.

Já em outro exemplo desta mesma prática no *podcast*, quando ouvimos o escritor Ricardo Terto, convidado do septuagésimo sexto programa[12], contar como o preconceito linguístico afetou diretamente sua carreira, nos aproximamos de sua história e, para muitos ouvintes que compartilham mais similaridades com Terto – como, por exemplo, a pele negra –, a identificação e compreensão é imediata. O escritor fazia parte da bancada do Mamilos quando as apresentadoras retomaram uma notícia da semana da gravação: um médico plantonista do Hospital Santa Rosa de Lima, em Serra Negra, em São Paulo, publicou uma foto numa rede social mostrando um receituário escrito com erros na grafia, como, por exemplo, "peleumonia" ao invés de "pneumonia". O médico, então, legendou

[11] Disponível em: <http://www.b9.com.br/74948/podcasts/mamilos/mamilos-111-internacoes-involuntarias-problema-ou-solucao/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

[12] Disponível em: <http://www.b9.com.br/66453/podcasts/mamilos/mamilos-76-banimento-do-whatsapp-e-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

a postagem como "uma imagem vale mais do que mil palavras", no claro intuito de ironizar a situação. O receituário veio de um dos seus pacientes, um mecânico de 42 anos que havia estudado até o segundo ano do ensino fundamental. Além do autor da postagem, uma enfermeira e a recepcionista do hospital, que comentaram na publicação, também satirizando-a, foram demitidos. Após relatar este fato, as apresentadoras convidaram Terto a compartilhar sua história pessoal com a questão do preconceito linguístico.

> O que a gente precisa é conversar de fato sobre a questão do preconceito linguístico e levantar um pouco esse tapete para ver a sujeira que tá embaixo e assim, de verdade, cada um fazer aquele autoexame básico de quando você, de alguma maneira, praticou isso; de quando você viveu isso; de quando você percebe isso no seu cotidiano... É tirar um pouco a venda que a gente tem que naturaliza o problema, para enxergar o problema e atacar ele de frente (WALLAUER, 2016).

Wallauer (2016), ao introduzir o tema, dirige-se diretamente ao ouvinte, que é, então, praticamente intimado a examinar sobre sua realidade particular e de que forma a mesma se coincide com os episódios de preconceito narrados no programa – mais um exemplo de um exercício empático em relação à pauta do *podcast*. Ao serem questionadas em entrevista, sobre o que, para elas, se caracteriza como empatia, as criadoras responderam que é deixar o lugar confortável do que já faz sentido para nós, para ter uma experiência "incômoda, revolucionária e transgressora de ver, sentir e entender sob o olhar e a experiência do outro" (BARTIS; WALLAUER, 2015).

E até mesmo o próprio conceito de empatia é destrinchado e "olhado" através de outros aspectos pelo Mamilos. No episódio 102, "Empatia e População de Rua"[13], são apresentados os "perigos" da empatia, principalmente segundo a tese do psicólogo canadense Paul Bloom (2016), explicitada em seu livro "*Against Empathy: The Case for Rational Compassion*" ("Contra a empatia: o caso pela compaixão racional", tradução livre) que critica o uso da empatia na literatura de autoajuda, por exemplo. Para o especialista, a reação de identificação e de sentir as emoções alheias, ou se projetar através das mesmas, tem causado grandes desigualdades e sendo o motor para diversas imoralidades que predominam atualmente em nossa sociedade. O psicólogo argumenta, então, que questões morais ou éticas não devem ser vistas sob a ótica empática.

[13] Disponível em: <http://www.b9.com.br/72982/podcasts/mamilos/mamilos-102-empatia-e-populacao-de-rua/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

Ao longo do programa, junto a dois convidados, o economista Vitor Brumatti e o psiquiatra Fernando Duarte, as apresentadoras argumentam que a empatia é, de fato, muito direcionada, e que tendemos a nos comover com histórias, e não com números, por exemplo. Neste processo, Wallauer (2017) tece uma crítica ao próprio papel da empatia dentro do Mamilos:

> Eu acho ótimo que não exista "vaca sagrada". O Mamilos é bem ateu, todo mundo sabe, então aqui não tem vaca sagrada da empatia, mesmo, embora essa seja a nossa maior bandeira. Porque não tem milagre, não tem nada que seja panaceia para todos os males, entendeu? "Ah, então isso, em qualquer situação, vai resolver qualquer coisa". Então eu acho legal que o que ele tá trazendo é assim: quando você usa uma palavra para todos os contextos, em todos os momentos, você esvazia ela de significado. Então, a gente acabou de falar de uma situação que era com os moradores de rua, em que a empatia é o ponto básico necessário para que você comece a entender onde ele tá, para entender como você pode tirar ele desse momento e como você pode ajudar ele. Sem empatia, você não consegue partir disso. Só que ela tem limitações. E eu acho que, quando ele traz algumas limitações, muito mais na questão moral do que na questão de sofrimento [...], eu acho que é bom que a gente tenha essa noção desses vieses que a empatia nos causa: de que você vai empatizar mais com determinado grupo, e que isso talvez não seja a bússola moral que você deveria usar para resolver as questões éticas. Eu acho interessante essa provocação (WALLAUER, 2017).

A reflexão aprofundada não poupa, então, nem o próprio programa que a promove. Em uma plataforma digital, cheia de *hiperlinks* e narrativas convergentes, destaca-se o esforço – sem patrocínio de grandes empresas; inclusive, o Mamilos é sustentado pelo próprio público, que "apadrinha" o programa através de sites de financiamento coletivo – para a realização de um jornalismo que se preocupa em ir além da apuração objetiva da notícia, aprofundando assuntos junto a especialistas e aos próprios consumidores de informação, com o cuidado de aproximar os dados, da forma mais averiguada possível, dos interessados em consumir e realizar uma comunicação mais minuciosa – e que traz a notícia até você, tanto emocionalmente quanto literalmente, uma vez que é possível consumir os *podcasts* a qualquer momento que o ouvinte julgar de sua preferência.

5 Conclusão

Não é fácil, especialmente para um público que está se acostumando à era da cultura da convergência – caracterizada por informações rápidas, curtas e em abundância –, digerir programas de mais de uma hora de duração, como é o caso da maioria dos

podcasts, entre eles, o Mamilos. Como, então, esta plataforma está crescendo no Brasil? Como um *podcast* que se propõe a analisar com mais profundidade temas do nosso cotidiano, aos quais temos acesso em um piscar de olhos, de forma "mastigada", faz sucesso e conquista ouvintes através na internet?

Estamos navegando em um processo, ainda ativo e em movimento, de construção de novas mídias, nas quais as potencialidades para uma comunicação mais integrada e produzida sob demanda exigem do estudo jornalístico um olhar mais abrangente e atento. Já sabendo que não há uma extinção das antigas mídias, resta reconhecer como estas são reinventadas e incrementadas em meios convergentes, e quais estratégias narrativas são utilizadas para ressigificá-las e permanecer deixando-as atraentes para novos (e mais poderosos do que nunca) públicos. Não existe sentido em subestimar a vontade dos consumidores de informação – e nem mesmo do jornalista – por uma notícia mais apurada, uma análise mais aprofundada e uma interação mais humanizada, ainda que estejamos imersos em novas tecnologias, em constante evolução.

Concluo que, mesmo em um âmbito on-line, os *podcasts* ainda preservam muito do saber humano (desde a arte de contar histórias para seus ouvintes, até a de exercer a empatia para a melhor compreensão de um fato), de forma que o próprio fazer jornalístico é enriquecido, diversificado e renovado, tornando a comunicação um campo mais rico em diálogo, que valoriza tanto a escuta quanto a fala de quem, através da internet, já não encontra limitações para expressar.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Pablo de. LUIZ, Lúcio. **O *Podcast* no Brasil e no Mundo**: um caminho para distribuição de mídias digitais. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Caxias do Sul, 2010.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: (ORG.), João Canavilhas. **Notícias e Mobilidade**: O jornalismo, na era dos dispositivos móveis. Covilhã: Livros Labcom, 2013. p. 33-54.

BARTIS, Cris. **Mamilos 41**: Violência contra a mulher na internet. 2015. Disponível em: <http://www.b9.com.br/61038/podcasts/mamilos/mamilos-41-violencia-contra-a-mulher-na-internet/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

BARTIS, Cris; WALLAUER, Juliana. **Uma democracia será tão boa quanto o jornalismo que tivermos**. 2015. Disponível em: <http://tutano.trampos.co/7484-entrevista-cris-bartis-juliana-wallauer/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

BLOOM, Paul. **Against Empathy**: The Case for Rational Compassion. Nova Iorque: Ecco, 2016. 304 p.

BRAINSTORM9. **Braincast 129**: Teste de Bechdel e o papel feminino na ficção. 2014. Disponível em: <http://www.b9.com.br/52144/podcasts/braincast/braincast-129-teste-de-bechdel-e-o-papel-feminino-na-ficcao/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

CARVALHO, Paula Marques de. **Processo de Criação de *Podcast***: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Foz do Iguaçu, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.

NÓBREGA, Zulmira et al. *Podcast* "Mamilos": Uma nova forma de fazer jornalismo?. In: Simpósio Internacional Sobre Jornalismo Em Ambientes Multiplataforma, 2., 2015, João Pessoa. **Jornalismo em Ambientes Multiplataforma**. João Pessoa: Coleção ncora Jornalismo, 2015. p. 296 - 319.

SALAVERRÍA R.; GARCÍA AVILÉS. J.A.; MASIP P.M. "Concepto de Convergencia Periodística". In: LÓPEZ GARCÍA, X.; PEREIRA FARIÑA, X. **Convergencia Digital**. Reconfiguração de los Medios de Comunicación en España. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2010. p. 41-64.

SILLESEN, Lene Bech; IP, Chris; UBERTI, David. **Jornalismo e emoções**: A leitura digital está roubando a nossa capacidade de sentir empatia?. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,jornalismo-e-emocoes,1705521>. Acesso em: 03 jul. 2017.

WALLAUER, Juliana. **Mamilos 108**: O futuro do trabalho. 2017. Disponível em: <http://www.b9.com.br/74169/podcasts/mamilos/mamilos-108-o-futuro-trabalho/>. Acesso em: 07 jul. 2017.

_____, Juliana. **Mamilos 76**: Banimento do WhatsApp e preconceito linguístico. 2016. Disponível em: <http://www.b9.com.br/66453/podcasts/mamilos/mamilos-76-banimento-do-whatsapp-e-preconceito-linguistico/>. Acesso em: 03 jul. 2017.

_____, Juliana. **Mamilos 102**: Empatia e População de Rua. 2017. Disponível em: <http://www.b9.com.br/72982/podcasts/mamilos/mamilos-102-empatia-e-populacao-de-rua/>. Acesso em: 07 jul. 2017.